

## PROVA DE FILOSOFIA

Para cada questão, identifique a resposta que afirme algo errado, isto é, que entre em conflito com os textos e discussões desenvolvidas em sala de aula (Notem: os trechos que estiverem entre aspas sempre serão citações corretas, portanto não procurem erros dentro das aspas). Envie as respostas ao professor, em [guilherme.germer@ifpr.edu.br](mailto:guilherme.germer@ifpr.edu.br), até o final da aula, preferencialmente, no corpo do email ou por meio de um arquivo “doc”. Não é preciso explicar “dissertativamente” suas respostas, basta anotar o número de cada questão, e a letra da resposta. Certifiquem-se de que o professor respondeu “recebido” após enviar-lhe o email. Ótima prova!

- **Definições de “filosofia” e “política”:**

### Questão 1.

- A. “Filosofia” vem de “Φιλοσοφία”, que em grego, significa “amor à sabedoria”.
- B. Os gregos possuíam três palavras para o “amor”: αγάπη (Agápe), Ἔρως (Eros) e φιλία (philia). A primeira traz uma noção de compaixão, e é bastante aprofundada pelas religiões. A segunda já traz uma ideia mais carnal e voluptuosa. Como o amor pelo conhecimento não se encaixa exatamente em nenhum desses dois sentidos, os gregos o associaram a φιλία (philia), que quer dizer amor no sentido de “amizade”, relação fraternal, moderada, profunda e fiel.
- C. “Política” já vem de “πόλις” (pólis), que em grego, “significa cidade organizada por leis e instituições”<sup>1</sup>.
- D. Por conseguinte, o campo da filosofia política deve se caracterizar pela prática cega do poder, de modo puramente espontâneo e instintivo, e que não leva em consideração a reflexão e o debate minuciosos sobre a natureza do poder.

---

<sup>1</sup> CHAUI, 2000, p. 31.

- E. Conforme Marilena Chauí, “Filosofia política” consiste no “estudo sobre a natureza do poder e da autoridade”<sup>2</sup>, e abrange os conceitos de “direito, lei, justiça, dominação, violência; formas dos regimes políticos”, etc..

- **Filosofando com metáforas:**

**Questão 2.**

- A. Não é raro, nos textos de filosofia, os pensadores usarem metáforas (isto é, parábolas, símiles, alegorias, etc.) para apresentarem seus pensamentos. Uma metáfora consiste em uma imagem que significam “algo outro que o exposto nela”<sup>3</sup>: ela possui um significado, que se esconde por trás de seu símbolo. Nessa relação, a metáfora explora a intersecção (isto, os aspectos em comum) da imagem com seu significado, contribuindo assim para o conhecimento e ilustração do significado, já que com a metáfora esse significado pode ser pintado com as cores mais vivas da imaginação.
- B. Uma das alegorias mais famosas da história da filosofia é o mito da caverna de Platão. Ele se encontra no *Livro VII da República*, e é considerada por Schopenhauer como a “passagem mais importante de todas as obras de Platão”<sup>4</sup>. Com as seguintes palavras, Schopenhauer resume essa metáfora: “Os homens, firmemente acorrentados numa caverna escura, não viam nem a autêntica luz originária, nem as coisas reais, mas apenas a luz débil do fogo da caverna, e as sombras de coisas reais passando à luz desse fogo atrás de suas costas: eles opinavam, contudo, que as sombras eram a realidade e que a determinação da sucessão dessas sombras seria a verdadeira sabedoria”<sup>5</sup>.
- C. O significado dessa alegoria só pode ser o de que não vale a pena buscar o conhecimento, pois sempre estaremos presos a sombras, isto é, a opiniões falsas sobre o mundo; e mesmo

---

<sup>2</sup> Idem, p. 67.

<sup>3</sup> SCHOPENHAUER, A., 2005a, p. 314.

<sup>4</sup> SCHOPENHAUER, A., 2005b, p. 528.

<sup>5</sup> Idem.

se por um milagre conseguirmos nos libertar delas – o que não ocorre nessa alegoria – nossos amigos ficarão para sempre presos nas sombras.

- D. A poesia também se vale de metáforas. Por isso que Homero chama as palavras de “ἐπη πτεροεντα”, isto é, “aladas”, e o mar de “πολυφλοισβος, o sussurrante bravo”<sup>6</sup>.
- E. Outras metáforas de Homero são: “a Terra se chama ζῆδωρος αρουρα, a que dá vida, a todos alimentando; a morte θανάτος τανηλεγης, a que distende lentamente, os deuses se chamam ρεῖα ζωντες, os que vivem facilmente; e, ao contrário, os mortais se chamam δειλοι βροτοι, os que vivem duramente”<sup>7</sup>.

### Questão 3.

- A. Um símile de Schopenhauer exposto em *Suplementos e crônicas – Tomo II* (1851, §413)<sup>8</sup> é o dos porcos-espinhos: esses – conta o filósofo – em um frio invernal, se aglomeram no fundo de uma caverna, e para se aquecerem, se aproximam um do outro, mas passam a se ferir com seus espinhos. Ao se distanciarem, voltam a se congelar, até que, com certo esforço, encontram a distância média em que se aquecem e não mais se machucam reciprocamente. Com o homem ocorre o mesmo – prossegue o autor: ele também precisa se aproximar de seus iguais para saciar suas necessidades, mas essa proximidade lhe traz uma série problemas. Contudo, com “etiqueta”, podemos encontrar o meio-termo em que nos beneficiamos da vida social sem nos ferirmos muito nela. Poderíamos acrescentar ainda que: não só com etiqueta, mas também com ética e democracia.
- B. Esse símile destaca que: 1 – o homem é um animal social (depende do outro para “se aquecer”), 2 – ele também é a fonte de seus problemas (“o homem é o lobo do homem”<sup>9</sup> – como diz Plautus, e o que Schopenhauer representa com os espinhos), e 3 – é possível encontrar o equilíbrio entre os homens, de modo que eles se beneficiem sem se prejudicarem.

---

<sup>6</sup> SCHOPENHAUER, 2003, p. 195.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Cf. SCHOPENHAUER, 2017, PP II, §413, p. 2125.

<sup>9</sup> PLAUTUS, *Asinaria*, 2, V. 495. Apud SCHOPENHAUER, 1986. P. 219.

- C. Sigmund Freud citou em seus textos esse símile de Schopenhauer, afirmando que ele é uma espécie de modelo a ser seguido no que diz respeito às relações humanas em geral. Em suas palavras: “Mantenhamos perante nós a natureza das relações emocionais que existem entre os homens em geral. De acordo com o famoso símile schopenhaueriano dos porcos-espinhos que se congelam, nenhum deles pode tolerar uma aproximação demasiado íntima com o próximo”<sup>10</sup>.
- D. Freud propõe, com as palavras anteriores, que os homens devem se distanciar radicalmente uns dos outros, e nunca se aproximar, mesmo que se tornem pessoas ermitãs, solitárias e antissociais. Afinal, na vida social não há benefício algum para ser extraído.
- E. Schopenhauer termina esse símile com um elogio às pessoas mais independentes e autossuficientes: essas têm “calor próprio”, e não dependem excessivamente do outro para se “aquecer”. Isto é, uma pessoa que possua tesouros em seu interior, como sabedoria, ética e beleza, tem mais chances de se proteger melhor dos “espinhos” alheios.

#### **Questão 4.**

- A. Analisemos uma outra metáfora filosófica, agora do filósofo Paul Rée: “O conhecimento humano se assemelha a pequenas ilhas, que, solitariamente, flutuam no mar infinito de nossa ignorância”<sup>11</sup>.
- B. Com essa metáfora, Rée afirma que por mais que possamos ampliar nosso saber, sempre haverá muito mais coisas no universo por se conhecer (isto é, que permanecem desconhecidas) do que o que já conhecemos. Por isso, Sócrates também afirmou: “Só sei que nada sei”.
- C. Porém, muitas outras interpretações também são possíveis aqui: pode-se comparar o saber à solidez e clareza de uma terra firme, como a das ilhas, e a ignorância à falta de forma fixa

---

<sup>10</sup> FREUD, 1996, p. 112.

<sup>11</sup> RÉE, 1875, §25, p. 10.

e obscuridade do oceano. Afinal, ao menos de dia, as ilhas são iluminadas pelo sol, enquanto que as profundezas do oceano permanecem escuras: como o conhecimento e a ignorância, que são associados, respectivamente, às ideias de clareza e obscuridade de visão. Quanto à questão da firmeza ou falta de forma definida, o saber também se parece a um solo seguro, em que é possível apoiar as pernas sem cair (em que é possível, por exemplo, apoiar um discurso ou derivar técnicas científicas sem entrar em contradição). Já a falsidade e a ignorância não é capaz de sustentar nada, assim como não podemos caminhar sobre o oceano.

- D. Outra bela metáfora de Paul Rée é: “Se a vaidade não existisse, nenhuma ciência até hoje teria saído do berço”<sup>12</sup>.
- E. Com isso, Rée quer dizer que a vaidade humana é como uma babá maligna que expulsou a “ciência” do berço, e que poderia tê-la matado nessa queda.

- **Barbárie x Civilização**

**Questão 5.**

- A. O tema principal do texto *Quem é bárbaro?*<sup>13</sup>, de Francis Wolff, consiste em quatro conceitos centrais de filosofia política: belo, sublime, graça e agradável.
- B. Embora o texto se intitule por *Quem é bárbaro?*, boa parte dele aborda outro termo correlato: o que é ser civilizado.
- C. O texto pode ser dividido em quatro partes: na primeira, Wolff apresenta a pergunta que o intitula; na segunda, dispõe alguns fatos considerados como bárbaros por nossa cultura (ocidental e moderna); na terceira, analisa o que é ser civilizado; e na quarta, sintetiza o que ser bárbaro, a partir da oposição do que é ser civilizado.

---

<sup>12</sup> Idem, §18. P. 8.

<sup>13</sup> Cf. WOLFF, 2004, p. 20-24. In: ARANHA, M. L. de A.. MARTINS, M. H.. Filosofando – Introdução à filosofia. São Paulo: Ed. Moderna, 2016, p. 229.

- D. Os fatos apresentados por Wolff são, em geral, estarrecedores a pessoas de nossa cultura: “1. Certos grupos étnicos na Nova Guiné recorrem à antropofagia e devoram seus prisioneiros (...) 2. No ano de 2001, o regime talibã destruiu, no Afeganistão, estátuas gigantescas e admiráveis que datavam da Idade Média (...) 3. Em 1975, depois que o Khmer Vermelho tomou o poder em Phnom Penh houve um gigantesco massacre da população cambojana das cidades, que resultou em 1 milhão de mortos”<sup>14</sup>.
- E. Após mencionar cada um desses fatos, o autor os predica como bárbaros.

### **Questão 6.**

- A. Após apresentar os fatos anteriores, Wolff tenta avançar a uma compreensão mais exata da questão do que é a barbárie. Para tanto, ele parte de seu oposto, a civilização, e a divide em três sentidos: 1 – civilidade; é civilizado quem toma parte ou contribui no processo de ampliação da sociedade, seja em termos de tamanho e unidade, seja em termos de abertura e complexidade. Nesse sentido se destaca o refinamento da sociedade no “cumprimento das funções naturais (...) e das relações sociais”<sup>15</sup>.
- B. 2 – cultura e espiritualidade: é civilizado quem toma parte ou contribui na expansão do que Kant chama de “patrimônio mais elevado de uma sociedade”<sup>16</sup>, isto é, as ciências, as letras, as artes e a filosofia. Esses bens sociais são bastante eminentes porque aos grandes interesses do espírito ou mente humana.
- C. E 3 – humanidade: é mais civilizado quem consegue conter sua violência natural, primitiva e bestial, e logra cultivar o “respeito pelo outro, assistência, cooperação, compaixão, conciliação e pacificação”<sup>17</sup>.
- D. São esses três os sentidos básicos de civilização. E como bárbaro é o oposto de civilizado, serão três também os sentidos de barbárie: bárbaro é aquele que se opõe ao avanço da sociedade em termos de civilidade (isto é, a pessoa que é contra a ampliação social e o

---

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Idem.

desenvolvimento tecnológico), de cultura ou espiritualidade (isto é, aquele que carece de contemplação intelectual e meditativa do mundo) e humanidade (quem não possui respeito, nem responsabilidade ética).

- E. Portanto, podemos entender melhor agora o porquê dos três fatos citados inicialmente serem bárbaros: o canibalismo significa barbárie no sentido de falta de cultura (espiritualidade), a destruição de patrimônio cultural significa barbárie no sentido de falta de ética e compaixão (humanidade) e o genocídio significa barbárie no sentido de falta de avanço tecnológico (civilidade).

- **Poder x Violência**

**Questão 7.**

- A. Em *O que é o poder*, o filósofo Gérard Lebrun defende, basicamente, que força, poder, coerção física e violência são sinônimos: não há nenhuma forma de poder ou de força que não se manifeste como domínio corporal e físico de uma outra pessoa sobre a outra, de modo a implicar algum nível de agressividade.
- B. Schopenhauer tem em alta estima pela força humana. Para ele, o que mais decide se seremos bem-sucedidos, realizados e felizes, ou o inverso, é a nossa essência, isto é, o que somos; e somente depois disso, o que temos e parecemos aos demais. E o que compõe a nossa essência? O filósofo responde com as seguintes palavras: é a “personalidade no sentido mais amplo. Nessa categoria incluem-se a saúde, a força, a beleza, o temperamento, o caráter moral, a inteligência e seu cultivo”<sup>18</sup>.
- C. Conforme Lebrun, a força política é a capacidade de “influir no comportamento de outras pessoas”; ou, em termos mais amplos, é a “canalização da potência, é a sua determinação”<sup>19</sup>.
- D. São inúmeras as formas de poder, portanto, determinado ou canalizado pela força: um partido político que vence as eleições, por exemplo; um sindicato que transformar as leis de

---

<sup>18</sup> SCHOPENHAUER, 2002. P. 3.

<sup>19</sup> LEBRUN, 1981, p. 11-12

um Estado ou de uma empresa, de modo a deixá-las mais justas; uma pessoa capaz de atrair uma outra para perto de si, de conquistar sua atenção, amor e carinho: todos esses exemplos ocorrem sem a participação de coerção física, isto é, violência. Pelo contrário, o uso da violência, nesses três casos e em muitos outros análogos, só diminui a força em jogo, só atrapalha o empoderamento, só aumenta a impotência e a fraqueza ou covardia.

- E. Em suma, Lebrun defende que “a força não é sempre (ou melhor, é rarissimamente) um revólver apontando para alguém; pode ser o charme de alguém amado”<sup>20</sup>, a beleza com que se atrai o olhar, a sabedoria com que se dissipa as obscuridades, a prudência com que se vence os obstáculos, o respeito com que se dignifica o homem, e etc..

- **Características da democracia**

**Questão 8.**

- A. Em *Cultura e democracia*<sup>21</sup>, a filósofa Marilena Chauí afirma que a democracia tem três características fundamentais, que a tornam superior a outras formas de regime político (como o totalitarismo, a anarquia, etc.), em termos de fortalecimento e empoderamento da soberania social: conflito, abertura e rotatividade.
- B. O conflito possuído pela democracia é o que melhor cultiva a pluralidade, a diversidade e a heterogeneidade de uma sociedade. Somente nela temos choque, tensão, confronto de pensamentos e interesses, no sentido de violência, guerra, e domínio autoritário de uma parte da sociedade contra outra.
- C. A propósito, Aristóteles já havia escrito que: “Se o conflito não fosse inerente às coisas, tudo seria uno, como diz Empédocles”<sup>22</sup>. Esse difícil pensamento não foi aplicado por Aristóteles à questão política, mas podemos fazê-lo sem grandes dificuldades: se Chauí tem razão quando afirma que a democracia é o regime político que melhor respeita o conflito natural e

---

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> Cf. CHAUI, M.. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Ed. Cortez, 2011, p. 214-215. Apud ARANHA, M. L. de A.. MARTINS, M. H.. *Filosofando – Introdução à filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 2016, p. 229.

<sup>22</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*, B, 5. Apud SCHOPENHAUER, 2005a, p. 211.



necessário entre as pessoas, no sentido de diversidade e heterogeneidade de interesses, e se a natureza não se manifesta para nós como uma homogeneidade absoluta (uma espécie de Uno metafísico), então, a democracia também é o regime político que melhor se sintoniza com essa natureza do homem e da vida: somos todos diferentes, e portanto nosso regime político deve aceitar e alimentar essa diversidade, caso não queira ser castrador ou violento contra nós mesmos.

- D. Outra característica fundamental da democracia, para Chauí, é a sua abertura: somente nela há livre circulação de informações, abertura e ampliação da cultura. O poder de consumo, além disso, nela, não se restringe ao topo da pirâmide social, mas também se estende significativamente à sua base trabalhadora; e outras coisas são cultivadas nela além do consumo de mercadorias: tais como arte, conhecimento e cultura.
- E. Uma última característica central da democracia é a rotatividade, a qual existe porque somente nela há soberania pública. Isto é, na democracia, o Estado e o poder pertencem à sociedade, e se fundamentam na vontade geral do povo. De modo algum eles pertencem a uma pessoa, grupo ou família particular, como ocorre no totalitarismo. Por isso, a direção do poder público deve se renovar periodicamente, o que ocorre por meio das eleições: afinal, se não houver renovação no quadro de pessoas e interesses na gestão do poder, esse não atenderá o número máximo de interesses possíveis, e não se evitará que alguém se “acostume” com o cargo de direção do poder e busque usurpá-lo, antidemocraticamente.

- **Preconceito, segregação e racismo**

### **Questão 9.**

- A. Em *O que é o racismo?*<sup>23</sup>, Carlos Skliar esclarece uma questão de grande importância social, política e moral: o racismo. Baseado, em parte, no sociólogo Michel Wieviorka, e em parte em próprias reflexões e pesquisa, ele defende que o racismo possui quatro formas principais: o preconceito, a segregação, a discriminação e a violência racial.

---

<sup>23</sup> Cf. SKLIAR, 2004, p. 75-78. In: ARANHA, M. L. de A.. MARTINS, M. H.. *Filosofando – Introdução à filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 2016, p. 253.

- B. O preconceito, das quatro modalidades, é a mais velada, a mais velada “invisível”, e por isso ele é altamente perigoso: ocorre, em geral, de modo verbal, nas entrelinhas das frases, e coloca sempre uma desvalorização ou menosprezo de grupos ou etnias, cujo conteúdo só é percebido a um olhar crítico e atento. Caso passe despercebido, o preconceito se alastra pelos porões do pensamento, contamina a linguagem e torna a sociedade avessa a uma cultura democrática. Via de regra, o preconceito é um instrumento extremamente imoral por meio dos quais os grupos dominantes e privilegiados endossam, narcisicamente, sua própria identidade e consciência do poder, pagando, com isso, o alto preço de se fecharem à democracia e o humanismo.
- C. Muitas falas preconceituosas habitam o cotidiano do brasileiro, como revelam estudos especializados<sup>24</sup>. Alguns exemplos de falas desse tipo que devem ser abandonadas imediatamente são: “Mulher tem de se dar ao respeito”, “programa de índio”, “inveja branca”, “pode ser gay, mas não precisa beijar em público”, “ela é linda de rosto”, etc..
- D. A segregação e a discriminação já vão além do preconceito na medida em que são mais explícitas, escancaram ainda mais a ideia de uma diferenciação espacial e artificial entre um suposto “eu” e um suposto “outro”. O “outro” é separado, portanto, de modo forçoso, nesse ato, do “eu” ou “nós”, em que se funda a soberania de uma cultura ética e democrática. Além disso, o segregador tem a ilusão de que o “outro” inventado por ele não “pode sair” do micro-espaço que lhe foi indicado sem grandes tensões. Mas a história lhe refuta, mostrando que a postura crítica é capaz de reivindicar, e em uma democracia, conquistar a penalização devida dos praticantes dessas formas de violência.
- E. Segundo Skliar, os três casos citados anteriormente – preconceito, segregação e discriminação – porém, não tem nenhuma relação com o conceito de violência racial: esse é somente físico, enquanto aqueles são estritamente psicológicos ou morais.

---

<sup>24</sup> Cf. <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/expressoes-preconceituosas/>

- Aplicando os conceitos à atualidade

#### Questão 10.

Com base nos conceitos anteriores e na seguinte matéria publicada no site do jornal “Folha de São Paulo”, em 3/2/2021<sup>25</sup>, identifique a alternativa que possa algum equívoco.

# Veja o que se sabe sobre a morte do congolês Moïse Kabagambe

Três homens foram presos sob suspeita de participação no homicídio, provocado por 39 pauladas com um taco de beisebol



**RIO DE JANEIRO** O congolês Moïse Mugenyi Kabagambe, [espancado e morto aos 24 anos](#) em um quiosque no Rio de Janeiro, foi alvo de 39 pauladas de taco de beisebol, tendo ficado imóvel a partir da 36ª, quando estava imobilizado por uma chave de perna.

---

<sup>25</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/02/veja-o-que-se-sabe-sobre-a-morte-do-congoles-moise-kabagambe.shtml>

De acordo com laudo do IML (Instituto Médico Legal), foram as pancadas que provocaram o traumatismo no tórax, com contusão pulmonar, que causou a morte de Moïse.

Três suspeitos foram presos após confessarem à polícia a autoria do crime. Eles afirmaram que foram intervir para proteger um colega, funcionário do quiosque Tropicália. Um deles justificou a agressividade que levou ao homicídio à raiva que estava sentido pelo fato, segundo disse, de a vítima estar incomodando clientes e trabalhadores da orla há dois dias.



## **Qual foi o motivo do início da briga?**

As [imagens do quiosque Tropicália](#) mostram Moïse discutindo com um funcionário do local. O congolês, em determinado momento, abre um freezer, o que aumenta a confusão.

De acordo com esse funcionário, Moïse estava bêbado e queria pegar cerveja de graça, o que originou a discussão entre os dois. A mesma versão foi dada por Aleson Fonseca, um dos suspeitos do crime.

Os três suspeitos trabalham em quiosques e barracas da praia da Barra da Tijuca. Eles afirmaram que foram proteger o funcionário do Tropicália e iniciaram as agressões.

Famíliares do congolês disseram à imprensa que ele foi [cobrar uma dívida no quiosque](#). Contudo, esse tema não é mencionado em nenhum depoimento dado à polícia, nem mesmo nas falas dos parentes da vítima.

A polícia ainda investiga para esclarecer a motivação do crime. Não há indícios, até o momento, de um mandante do homicídio.

## **Desde quando Moïse estava no Brasil, por que veio e o que fazia?**

Moïse aterrissou no Brasil em 2011, aos 13 anos, junto com 3 dos seus 11 irmãos. Veio como refugiado da [República Democrática do Congo](#), onde o pai é político (hoje trabalha na diplomacia, segundo a família).

O jovem cursou até a segunda série do ensino médio e desde então fazia bicos em restaurantes, lanchonetes, quiosques e na praia.

- Identifique o comentário que contenha algum equívoco:
- A.** A notícia anterior informa sobre um ato de barbárie ocorrido em 24/01/2022, no quiosque Tropicália, na Barra da Tijuca / Rio de Janeiro, praticado contra o congolês Moïse Kabagambe. Moïse, que possuía 24 anos e vivia no Brasil desde 2011, como refugiado, foi espancado brutalmente com um taco de beisebol, em um ato covarde em que provavelmente participaram mais de uma pessoa. Sua família afirma que ele estava cobrando uma dívida trabalhista; mas tamanha foi a desumanidade dos agressores que uma câmera que registrou o assassinato mostra que a vítima recebeu 39 pancadas fatais, algumas delas dadas até quando já estava inconsciente.
- B.** No terceiro parágrafo, a matéria afirma que um dos suspeitos “justificou a agressividade (...) pelo fato (...) de a vítima estar incomodando clientes e trabalhadores da orla”. O que mais espanta nesse texto é o fato – explicitado e criticado no artigo acima – de que essa justificativa foi aceita imediatamente pelas autoridades, de modo que os infratores já foram julgados e completamente inocentados por semelhante barbárie.
- C.** A barbárie envolvida nesse episódio se corresponde diretamente com o terceiro sentido dado a esse termo por Francis Wolff, em *Quem é bárbaro?*: o de falta humanidade. Alguma relação esse crime também tem com os dois primeiros conceitos de barbárie: os criminosos também carecerem de civilidade, pois são obstáculos à ampliação de uma sociedade harmônica e coesa; e também não possuem cultura ou espiritualidade, pois são incapazes de apreciar, por exemplo, o desenvolvimento cultural que o contato com imigrantes e estrangeiros nos traz. Porém, o que define da maneira mais direta a barbárie dos agressores é a sua falta de humanidade, ou seja, sua carência de “respeito pelo outro, assistência, cooperação, compaixão, conciliação e pacificação”.
- D.** As lições de Lebrun sobre força, poder e violência também são perfeitamente aplicáveis nesse caso: é sintoma claro de impotência, fraqueza e covardia – e de modo algum de seus opostos – ações de violência como a registrada, e praticadas com a “justificativa” de que tentava-se “extravasar a raiva que [se] estava sentindo” com o fato de Moïse estar “perturbando há alguns dias”. É absolutamente inaceitável em uma democracia violências desse tipo, de modo



que os criminosos já se encontram em curso de penalização, e serão rigorosamente condenados pelo crime.

- E. A metáfora dos porcos-espinhos de Schopenhauer deveria sofrer algumas modificações para ser aplicada nesse caso, por exemplo: deveria ser dito que alguns porcos-espinhos também ferem fatalmente os outros com seus espinhos, e de modo praticamente gratuito e monstruoso. Outras metáforas do filósofo talvez se adequem mais a esse caso, por exemplo: “Alguns homens seriam capazes de assassinar um outro só para engraxar suas botas com a gordura dele”<sup>26</sup>. Ou essa: “Como o homem lida com homens se evidencia, por exemplo, na escravidão do negro, cujo objetivo final é apenas açúcar e café”<sup>27</sup>.

#### BIBLIOGRAFIA:

CHAUÍ, M.. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática. 2000.

CHAUÍ, M.. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Ed. Cortez, 2011, p. 214-215. In: ARANHA, M. L. de A.. MARTINS, M. H.. *Filosofando – Introdução à filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 2016, p. 229

FREUD, S.. *Psicologia de grupo e análise de ego*. In: FREUD, S.. *Obra Completa. Edição Standard Brasileira*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVIII.

LEBRUN, G.. O que é poder. SP: Brasiliense. 1981, p. 11-12. In: ARANHA, M. L. de A.. MARTINS, M. H.. *Filosofando – Introdução à filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 2016: p. 227

RÉE, P.. **Psychologische Beobachtungen: Aus dem Nachlass von \*\*\***. Berlin: Carl Duncker, 1875. 161p..

SCHOPENHAUER, A.. **Die Welt als Wille und Vorstellung**. In: SCHOPENHAUER, A.. *Sämtliche Werke – Band I*. Org.: Wolfgang F. von Löhneysen. Stuttgart/Frankfurt am Mein: Suhrkamp, 1986a.

SCHOPENHAUER, A.. **Die Welt als Wille und Vorstellung – Band II**. In: SCHOPENHAUER, A.. *Sämtliche Werke – Band II*. Org.: Wolfgang F. von Löhneysen. Stuttgart/Frankfurt am Mein: Suhrkamp, 1986b.

SCHOPENHAUER, A.. **Parerga und Paralipomena – Band II**. In: SCHOPENHAUER. ViewLit V.6.4. Kap.-Nr. 362/696: Schopenhauer - Werke auf CD-ROM. (c) Karsten Worm - InfoSoftWare 2001.

SCHOPENHAUER, A. **Metafísica do Belo**. Tradução: Jair Barboza, São Paulo: Editora Unesp, 2003.

SCHOPENHAUER, A.. **O mundo como Vontade e como representação**. Trad.: J. Barboza. São Paulo: Ed. Unesp. 2005a.

SCHOPENHAUER, A.. Crítica à filosofia kantiana (apêndice). In: SCHOPENHAUER, A.. *O mundo como Vontade e como representação*. Trad.: J. Barboza. São Paulo: Ed. Unesp. 2005b.

SCHOPENHAUER, A.. **Aforismos para a sabedoria de vida**. Trad.: J. Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

---

<sup>26</sup> SCHOPENHAUER, 2001, p. 124.

<sup>27</sup> SCHOPENHAUER, 1986b, p. 740.

SCHOPENHAUER, A.. **Sobre o fundamento da moral**. Trad.: M. L. Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SKLIAR, C.. A materialidade da morte e o eufemismo da tolerância. In: GALLO, S.. SOUZA, R.. **Educação e preconceito**. Ed. Alínea, 2004, p. 75-78. In: ARANHA, M. L. de A.. MARTINS, M. H.. *Filosofando – Introdução à filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 2016: p. 253.

WOLFF, Francis. Quem é bárbaro? In: NOVAES, A. (Org.). **Civilização e barbárie**. SP: Cia das letras, 2004, p. 20-24.

- Sites:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/02/veja-o-que-se-sabe-sobre-a-morte-do-congoles-moise-kabagambe.shtml>

<https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/expressoes-preconceituosas/>